

DOUTOR CAMACHO, JORNALISTA DE OCASIÃO¹²

Jean Pierre CHAUVIN (USP)

“Curioso assinalar como os órgãos de vida longa, no Brasil, foram sempre conservadores” (Nelson Werneck Sodré).³

Em *Quincas Borba* (1891), sexto romance de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) deparamos com uma constelação de figuras ambivalentes, dentre as quais se destaca o Doutor Camacho, advogado de formação e jornalista de profissão, que demonstra como ser incompetente em ambas as matérias e ofícios.

O ex-deputado era um sujeito medíocre, posição e oportunista, características que condizem com o fato de ter sido um dos numerosos responsáveis por extorquir a herança de Rubião Pedro de Alvarenga – aquele crédulo provinciano vindo de Barbacena, deslumbrado pela Corte, cujos códigos sequer compreendia ou alcançava, como a crítica já observou⁴.

A frágil condição de Rubião e seu equivocado trânsito na corte esbarram nas palavras: as suas, poucas e deslocadas; as dos outros, excessivas e ardilosas, como notou Luiz Costa Lima: “[...] há, por certo, uma constância observável: a crítica de uma sociedade privilegiadora de uma linguagem que apenas doura o vazio e se põe a serviço do ostentatório e do hierarquizado”⁵.

Rubião consegue, como os outros, reproduzir a primeira parte da equação ostentatória; mas ele o faz apenas parcialmente, pois seu espírito não coaduna com o oportunismo onipresente todo o tempo. Ele não sabe se comportar como um sujeito pseudoilustrado, com salamaleques e ditos espirituosos, nem como um típico especulador favorecido pela fortuna. É um ex-professor de parca filosofia sem perfil empreendedor:

A ruína e a loucura da personagem é a sua incapacidade de falar a linguagem moderna, isto é, de dominar os novos signos sociais. [...] Rubião é o inadaptável, o que perdeu o bonde da nova sociedade. Seu mal não é a paixão por Sofia, é o anacronismo de seu discurso sobre essa paixão, ou, antes, o deslocamento do personagem do novo jogo social.⁶

¹ Neste trabalho retomo alguns elementos da “Apresentação” que preparei para o romance *Quincas Borba*, sob os cuidados da Ateliê Editorial. O livro encontra-se no prelo e deve ser publicado no primeiro semestre de 2016

² Este texto, gentilmente cedido pelo autor, foi apresentado na Mesa-redonda intitulada “Fontes primárias: literatura e imprensa”, no dia 19 de fevereiro de 2016, no III Colóquio de Letras.

³ *A História da Imprensa no Brasil*, 1966, p. 218.

⁴ Recomendo os excelentes estudos de: Flávio Loureiro Chaves, *O Mundo Social do Quincas Borba*, 1974; Luiz Costa Lima, *Dispersa Demanda*, 1981; Kátia Muricy, *A Razão Cética*, 1988; Antônio Paulo Graça, *A Catedral da Impureza*, 1992.

⁵ Luiz Costa Lima, *op. cit.*, 1981, p. 85.

⁶ Kátia Muricy, *op. cit.*, 1988, p. 92.

Faltava a Rubião o garbo, a verborragia eloquente, e, em especial, a ambição de Cristiano Palha, o “zangão da praça”, nos termos do narrador. Para Antônio Paulo Graça, “o horror de Rubião é sua incapacidade de integrar-se a valores, sejam quais forem, os do capitalismo arrivista ou os do iluminismo nobre e autêntico. Rubião é tão somente um elemento levado de roldão pelo natural processo de seleção”⁷.

Como se vê, a configuração das personagens é absolutamente contrastante: algo recorrente na ficção machadiana. O espartalhão Camacho e o simplório Rubião representam dois tipos extremos sob a égide do capital especulativo, cujas trajetórias se encontraram durante as severas discussões em torno do Segundo Reinado e o Gabinete da Conciliação.

O que o romance faz é importar para a forma em livro os bastidores que envolviam a difícil sobrevivência dos jornais de pequeno e médio porte, durante o Segundo Império brasileiro. A atuação de Camacho é emblemática: revela ser mais importante manter um discurso oscilatório que pautar o jornal pelos fatos.

Para assegurar o sustento da *Atalaia*⁸ – periódico de nome irônico e conteúdo ainda mais questionável – ele recorre com frequência ao generoso e perdulário Rubião, um mal leitor interessado em disseminar a imagem de mecenas de improviso, para escamotear sua nulidade cultural, seus poucos conhecimentos sobre a história nacional, além de sugerir uma imagem positiva diante da sociedade arrivista e superficial instalada no Rio de Janeiro.

Se no âmbito da ficção, o discurso de Camacho chega a provocar nossos brios, no papel de leitores minimamente éticos e de alguma convicção política, algo escapara às fronteiras do próprio gênero romance. Não se trata de um enredo recheado de convenções, em que imperam lonas descrições.

No romance, mesmo a forma com que o narrador ordena e relata os acontecimentos sugerem que quase tudo está motivado por alguma questão de fundo. Aplica-se ao enredo a fórmula descoberta por Sonia Brayner: “Em *Quincas Borba* temos uma terceira pessoa intrusa e consciente

7 Antonio Paulo Graça, *op. cit.*, 1992, p. 121.

8 O nome desse jornal fictício (*Atalaia*) pode aludir ao título extravagante de alguns periódicos que tiveram circulação no século XIX, a exemplo do *Despertador Brasiliense*, “atribuído a Cairu”, durante os anos de 1820, ou o *Sentinella da Liberdade*, editado pelo jornalista Cipriano Barata, um combativo redator da década de 1830. A respeito do primeiro, ressalte-se que “Cairu publicou também o jornal *Atalaia* em 1823, do qual se conhecem catorze números. Nele atacou a Assembleia Constituinte brasileira por não dar a d. Pedro, já coroado rei, o direito a um veto absoluto à Constituição e por recusar ao poder Executivo a iniciativa de promulgar leis, o que na opinião dos liberais representaria a anulação da Carta Magna e um retorno ao despotismo” (MOLINA, 2015, p. 189). A personagem Camacho poderia ser considerada como uma paródia tardia e de sinal invertido da figura histórica de José da Silva Lisboa, o futuro Visconde de Cairu? Eis uma matéria a ser investigada.

CHAUVIN, Jean Pierre. Doutor Camacho, jornalista de ocasião. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-113.

como o narrador do romance anterior [*Memórias Póstumas de Brás Cubas*] e que se refere a ele, desnudando qualquer convenção romanesca de ilusão de realidade” (BRAYNER, 1979, p. 80)

Flávio Loureiro Chaves mostrou, há quarenta e dois anos, que um dos problemas fulcrais representados no romance está no desajuste de Rubião Pedro de Alvarenga, em sua curta e patética travessia entre Barbacena e o Rio de Janeiro. Embora não possamos fazer dele um mártir, não se pode negar que ele paga em dobro pela malícia de todos aqueles que o cercam, sejam eles copeiro, jornalista ou comerciantes.

Ao semear *Quincas Borba* com criaturas rasas e interesseiras, provavelmente Machado satirizasse algumas figuras com que ele mesmo convivia nas redações, livrarias, cafés e repartições públicas, conforme a feliz hipótese formulada por Maria Nazaré Lins Soares, em *Machado de Assis e a Análise da Expressão*, publicado em 1968, e também por Ivan Teixeira, em *O Altar & O Trono*, editado em 2010.

Machado “se insurgiu contra uma maneira (ainda vigente no seu tempo) de entender a linguagem literária como um acervo de fórmulas consagradas, de modos de bem dizer que qualquer indivíduo dotado de boa memória pudesse manejar”. Para suas personagens de discurso oco, “o que importa, por conseguinte, não é que a expressão atinja o espírito, mas que soe bem ao ouvido” (SOARES, 1968, pp. 4-5).

Camacho incorpora, como poucos, a falsa estima por Rubião. Quando o amigo se torna inconveniente, o voluntarioso jornalista do *Atalaia* passa a evitá-lo: “[Camacho] desde algum tempo, era menos conversado. A mesma política não lhe dava matéria aos discursos de outrora. No escritório, quando via Rubião assomar à porta, fazia um gesto de impaciência, que sofreada logo” (*QB*, cap. CLXXIX).

A exemplo do Major Siqueira, o jornalista também é verborrágico. Assalta os turnos da conversa e domina o diálogo, favorecido pela postura tímida, vexada e pouco instruída de Rubião. A cada vez que o militar e o redator entram em cena, o narrador estiliza a sua própria enunciação, com direito a vocabulário simplório e comentários mal intencionados.

Quando Camacho enviara ao endinheirado amigo um exemplar de seu jornal, o *Atalaia*, Rubião aprovou o editorial, a despeito de sua linguagem apelativa, e caiu de pronto na isca do jornalista: “tratou de ver onde se imprimia a folha para assiná-la”. Mais do que assiná-la, Rubião passa a financiar a publicação como acionista. Reforçando o caráter perdulário (ou generoso?) de Rubião, o narrador informa o sugestivo endereço do novo periódico da corte: “Era na rua da Ajuda”.

Esse jornalista prolixo, de gestos forçados, pode ser compreendido como uma personagem-

síntese do mundo artificial que compromete a sobrevivência de Rubião, seu principal bem-feitor. É emblemático que, em determinado momento seus interesses convergem com os de Cristiano Palha. Sabedor dos sentimentos de Rubião por Sofia, Palha une-se a Camacho em uma mesma causa. O objetivo de ambos, jornalista e negociante, é dissuadir o amigo endinheirado de viajar para longe, e perder as suas costumeiras benesses. Logo após a saída de cena do jornalista – talvez previamente combinada com Cristiano –, Palha relembra sua dívida com Rubião, enquanto a alma deste viaja para perto de Sofia.

A figura de Sofia passou ao longe, na encosta do morro, e diluiu-se no luar; a última sessão da Câmara, tumultuosa, ressoou aos ouvidos de Rubião... Camacho foi até a janela e voltou logo.

– Mas quantos dias? – perguntou ele.

– Isso é que não sei, mas poucos.

– Em todo caso, amanhã conversaremos.

Camacho despediu-se. Palha ficou ainda alguns instantes, para dizer-lhe que seria esquisito voltar a Minas, sem que eles liquidassem as contas... Rubião interrompeu-o.

– Contas? Quem lhe pedia contas?

– Bem se vê que o senhor não é homem de comércio – redarguiu Cristiano.

– Não sou, é verdade; mas as contas pagam-se quando se pode. Entre nós, tem sido isto. Ou, quem sabe? Seja franco; precisa de algum dinheiro?

– Não, não preciso. Obrigado. Tenho que propor um negócio, mas há de ser mais demoradamente (*QB*, cap. LIX).

O diálogo aproxima figuras habituadas a ocultar os seus desejos e disfarçar os sentimentos. Evidentemente, Palha tem maior habilidade em dissimular suas ambições. Fingindo estar em meio a uma digressão, deixa no ar uma pergunta. Rubião, enredado pelo plano do casal, tenta driblar seu drama de consciência oferecendo novo empréstimo ao amigo.

As frias transações financeiras caminham sob o calor dos afetos: benefício de quem calcula; prejuízo de quem ama. Eis aí “o poder de dispor das palavras sem as coisas, e de dispor dos homens ao dispor das palavras. Talvez seja necessário compreender que a possibilidade dessa cisão acompanha toda a história do discurso humano”, a que se referia Paul Ricoeur (2005, p. 20). A mediação pela linguagem, desenhada em *Quincas Borba*, tem caráter universal.

É por intermédio da palavra que determinadas personagens mudam, conservam ou regridem, social e economicamente falando. A contraposição de Camacho a Rubião evidencia suas assimetrias e desnuda o vazio de suas falas. Ao retratar personalidades extremas, poder-se-ia afirmar que, no plano diegético, a dicção do jornalista interfere sensivelmente na conduta do protagonista. Trata-se de uma arquitetura complexa, já que até mesmo o narrador afeta diferentes modos de enunciar,

quando colado aos lugares-comuns, às frases-feitas e aos fingidos improvisos de arroubo de Camacho.

Considerando o tema desta mesa-redonda, creio que abordar esse romance seja uma possibilidade de situar o papel da imprensa, segundo o lúcido escritor. *Quincas Borba* oferece uma poderosa síntese da imprensa, em sua atuação na sociedade oitocentista fluminense. Camacho poderia ser visto como a versão caricata de pseudo celebridades do Segundo Império, a exemplo de Justiniano José da Rocha – um jornalista conservador que circulou em muitas redações na segunda metade do século XIX. Segundo Sílvia Maria Azevedo:

Enquanto [Francisco] Otaviano apostava no “demônio inspirador dos vinte anos”, a direção do *Jornal do Comércio* pensava a crônica a partir de um certo perfil de cronista – “a grande ilustração”, “o estilo clássico, mesmo o grande talento” –, representado na época pelo “medalhão” Justiniano José da Rocha (AZEVEDO, 2011, p. 5).

Daí a articulação entre o Segundo Império, a dançar entre o Poder Liberal e o Conservador, e a Imprensa: algo evidenciado, tendo em vista o teor de alguns periódicos, a exemplo do *Jornal do Comércio*, como observou Nelson Werneck Sodré: “Na Côrte, que dava o tom ao país e, portanto, à política e à imprensa, a conciliação escondia os graves problemas que se aprofundavam na estagnação da aparente tranquilidade reinante” (SODRÉ, 1966, p. 217). O narrador machadiano sugere uma abordagem descrente em relação à política de seu tempo:

Machado de Assis não se aproxima da política, senão como analista, alheio às sugestões de fórmulas. Não aponta nenhum remédio, não conhece terapêuticas para os males que devoravam a nação. Parecia-lhe particularmente ridículo, objeto de mofa, os apelos à lei e à constituição, formulados na oposição pelos políticos alijados do poder. [...] O ex-deputado Camacho, entre seus princípios e aspirações, pregava: “a autoridade não pode abusar da lei sem esbofetear-se a si própria” (FAORO, 1976, p. 65).

Alternando doses da lógica cartesiana e do niilismo de Schopenhauer, Quincas fermenta a insanidade e abastece a presunção de seu primeiro discípulo: o defunto-autor Brás Cubas. Já diante de Rubião, o sacerdócio segue caminho oposto: a derrocada de Rubião faz dele uma personagem-defunto. Dir-se-ia que o enredo, o narrador e as personagens compõem um todo coeso, embora dúbio. O discurso se pauta por reviravoltas e incertezas, alimentando a dialética entre os polos da pragmática mais rasteira e da demência. Katia Muricy associa a identidade fracionada de Rubião ao seu deslocamento espacial, pois ele não tem lugar na corte:

CHAUVIN, Jean Pierre. Doutor Camacho, jornalista de ocasião. *ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-113.

O humanitismo justifica a transformação: a evolução – neste caso, o testamento de Quincas Borba – abriu espaço para uma nova razão, a do capital. É diante dessa nova razão que Rubião se perde – ele perde a razão. Incapaz de entrar na nova racionalidade, estranho a uma época para a qual sua razão é pré-moderna, só resta a Rubião o delírio. E, é bem significativo que, nesse delírio, Rubião se identifique a Napoleão ou a Luís Napoleão, os arautos da modernidade. Mais do que incorporar à sua vida doméstica os requintes da burguesia, criados europeus ou chinelas tunisianas, Rubião habita, em seu delírio, as Tulherias. Mais do que descansar à sombra das conquistas da civilização, ele é o conquistador, Napoleão. (MURICY, 1988, pp. 87-88).

No romance estabelecem-se correspondências entre a mentalidade burguesa, que se consolidava desde o século XVIII, com e o horizonte das personagens. Lucien Goldmann alertava assinala que tais indivíduos burguesia mostravam “pendor para fazer do dinheiro e do prestígio social valores absolutos, e não simples mediações que assegurem o acesso a outros valores de caráter qualitativo” (GOLDMANN, 1990, p. 22).

Essa hipótese traduz a ambição que move as figuras do *Quincas Borba*. No entanto, diferentemente de Cristiano Palha, Sofia, Camacho, Freitas e Carlos Maria, Rubião age de modo impensado e generoso em relação aos amigos circunstanciais. Dirce Côrtes Riedel o descreve com precisão:

Rubião é um complexo de características carnavalescas: sua grandeza e sua nobreza estão na fronteira da queda e da abjeção; sua ânsia de domínio tangencia a humilhação de si mesmo; sua pureza beira a voluptuosidade; seu desprendimento se confunde com a publicação de suas virtudes (RIEDEL, 1974, p. 1).

A derrocada de Rubião confirma a validade do humanitismo no âmbito da sociedade brasileira figurada no romance: imagem alegórica de cruel e desencantada contundência, perante a qual Humanitas conduziria a todos entre o êxito e a tragédia.

Referências

AZEVEDO, Sílvia Maria. Histórias de um homem sério. In: _____. (Org.) *História de Quinze Dias, História de Trinta Dias: crônicas de Machado de Assis – Manassés*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, pp. 1-28.

BRAYNER, Sonia. *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; INL, 1979.

CHAUVIN, Jean Pierre. *Quincas Borba* ou a primazia do senso comum. In: MACHADO DE ASSIS. *Quincas Borba*. Cotia: Ateliê (SP), no prelo [2016], 50 p.

CHAUVIN, Jean Pierre. Doutor Camacho, jornalista de ocasião. *ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-113.

- CHAVES, Flávio Loureiro. *O mundo social do Quincas Borba*. Porto Alegre: Movimento, 1974.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 2a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. 3a. ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GRAÇA, Antônio Paulo. *A catedral da impureza*. São Paulo: Imaginário, 1992.
- LIMA, Luiz Costa. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- MACHADO DE ASSIS. *Obra Completa, Vol. I*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992 [*Quincas Borba*].
- MOLINA, Matías M. *História dos Jornais no Brasil – Da Era Colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. 2a. ed. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- RIEDEL, Dirce Côrtes. *Metáfora, o espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.
- SOARES, Maria Nazaré Lins. *Machado de Assis e a análise da expressão*. Rio de Janeiro: INL, 1968.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- TEIXEIRA, Ivan. *O Altar & O Trono: dinâmica no poder em O Alienista*. Cotia (SP): Ateliê; Campinas (SP): Editora Unicamp, 2010.